

Entrevista com Mãe Regina d' Oxossi em 12 de janeiro de 2007. Terreiro Ilê Asé Igbá Ode Mãe Regina d' Oxossi, localizado na Rua Compositor Silas de Oliveira, nº.68, Madureira, Rio de Janeiro. Telefones (21)2481-2176 / 3013-0410.

Regina de Oxossi: Já estive no IPHAN, em vários outros setores, na polícia perto do sambódromo. Até aconteceu uma coisa muito interessante porque, esse primeiro evento que eu fiz revolucionou toda a concepção de evento no Rio de Janeiro. Até as pessoas aqui dizem “os evento antes de mãe Regina e depois de mãe Regina”. Por quê? Porque antes os eventos eram todos na base do possível, não tinha uma preocupação cultural, uma coisa mais politizada, mais bonita e com essência. E não tinha uma preocupação com o uso de manequins negros. Cheguei a botar 30 manequins negros. O homem olhou sério pra minha cara e disse assim: - A senhora tem certeza do que a senhora está falando? Eu disse: - Absoluta, eu nunca vi manequins negros e não quero saber se tem, e saí.

Tanto que naquela época foram dois homens pesquisadores teimando que dali nasceu a idéia deles e que levou esses anos todos para apresentar. Foram eles o principal veículo pra trazer esse evento Afro para o Banco do Brasil, chamou a atenção do Brasil todo. Filmaram, fotografaram tudo, foi muito bonito, foram dez dias e teve de tudo um pouquinho: palestras, culinária, danças, arte, botei artesões trabalhando na hora, ferramenteiro fazendo ferro na hora, bordadeira bordando na hora, máquinas e uma sala grande com todos os manequins vestidos, que depois eles saíam. Obras de arte de barro, madeira, de pedra e são os artesões do candomblé, como o Érico, que foi eu que apresentei, entendeu? E têm outros.

Márcia: Tem um que ficou lá no Museu do Folclore, sobre ferramentas.

Mãe Regina: Ninguém conhecia ele. Ele trabalhava bem, mas não assim. Eu que lancei ele na minha segunda exposição. Divulguei ele, divulguei pela rádio, apresentei ele à UERJ, fiz vários eventos na UERJ, na Gama Filho, na Federal, então fui apresentando a ele e ele depois acabou indo pra casa de meu Pai de Santo e acabou ficando por lá. Ele como outros com arte por aí.

Foi em 96 essa feira. A primeira foi no Centro Cultural José Bonifácio. E no Centro Cultural dos Correios eu fui a primeira mulher negra e candomblecista a entrar lá. Eles são muito elitesados, não entrava mesmo. Eu fiz ali o movimento chamado “Herdeiros de Zumbi”, como é anunciado, que eu tenho programação de rádio faz 22 anos esse ano, muita gente me conhece. Lá as visitas são assim, não sei se você entrou no Centro Cultural dos Correios, mas lá a visita é muito pouquinho e não dão valor à arte nenhum, então a visita é muito lenta. Ali teve a visita de 200 pessoas por dia, isso chamou a atenção dos Adidos e vieram 20 Adidos do Brasil inteiro me visitar, todos Judeus, só que eles não falaram. Mais a TV Cultura e mais o jornal “O Dia” e do Brasil. Mais o diretor das exposições, que era o Diretor geral dos Correios. Aí você entrava e ficava magnífico, eu tenho várias fotos, depois eu vou mostrar pra vocês. E eles sentaram e ficaram fascinados com a Arte, da forma que narrava a emoção. Eu botei roupa a beça que foi em exposição até em Paris. Daí, quando eles viram, eles ficaram enlouquecidos. Apresentei também a Carmem Barros, que já é conhecida, mas na época não era e quem apresentou fui eu, que trabalha com barros, barro cozido. Eu tenho várias obras dela guardadas aí.

E veio um bombardeio de perguntas e eu disse não, não é bem assim, não é assim que se descobre os Orixás, não é só por que você se simpatizou, isso é toda uma cultura que existe há aproximadamente 6000 anos (e eles ficaram calados me olhando) e, nossa religião, só não é considerada como religião porque não tem uma Bíblia. Os que vieram pra cá vieram de um continente, de vários países e ficou difícil. E o negro veio numa condição sub-humana, mas nós somos de uma religião, não somos seita. O jogo e búzios é um cálculo, é um estudo, se leva muitos anos estudando e tem gente que passa a vida toda e não consegue aprender. Eu já estudo o jogo de búzios há muitos anos, há mais de 30 anos, mas, o tempo de vida é de 45 anos de estudo. Daí ele pegou e ficou parado assim me olhando, tiraram foto, olharam tudo. Eu não sabia, quando eles saíram, eles olharam a visitação: - a gente não recebe essa media todo dia. Eles conversaram, chamou-se o diretor, lá eles me respeitam muito, e a Diretora falou assim: - O que essa senhora pedir dêem a ela. Não se tem essa visitação aqui e isso foi comentado entre eles e eu fiquei lá uns dez dias também. Eu levei uns dez dias de exposição, porque dá muito trabalho pra montar, você fica dois dias montando, três meses direto trabalhando, várias pessoas trabalhando. Saiu reportagem no jornal, na "TV E" e eles ficaram encantados.

Vem cá que eu vou mostrar uma foto (quadro grande da roupa de Oxóssi que fica no salão). Aqui sou eu, dentro do centro cultural e ali eu estava mostrando a roupa de Oxossi, toda trabalhada em couro, que o intuito não era mostrar só a religião, mas mostrar a arte. Essa roupa viajou vários lugares do mundo, ali é o adê todo trabalhado, cor-de-rosa.

Quando eles chegaram, eles falaram pra mim, como eu escutei depois do Secretário da Cultura dizendo de quando eu fiz o evento no Centro Cultural dos Correios, que: "a gente pensou que ia encontrar aqui, problemas, coisas desarrumadas" e, quando eles viram tudo bem arrumado eles levaram um choque, foi quando eles disseram "os eventos antes de Dona Regina é uma coisa" porque as pessoas passaram a se preocupar em passar mais cultura e coisas bonitas. Porque eu vou mostrar que tem mãos, pessoas que trabalham, são artistas, artesões, que nascem nesta Casa de Santo e que as vezes eles chegam, não são ninguém e eles nascem na Casa de Santo, lavam ave, lavam conta, depois fazem um processo de polir, depois fazem um processo de iniciação, se tornam Yô e você vai descobrindo sua habilidade, um da pra costura, outro da pro bordado, então essas pessoas produzem, porque nós somos aqui do axé Opó Afonjá e no axé nós produzimos tudo, nós só compramos matéria prima. Inclusive um dos meus filhos que produz, que é um dos principais, está aí, desde mesa de forma toda artesanal. Eu gosto da beleza de forma toda harmoniosa, dê de que não perca a essência. Eu quero meu barracão bonito, no estilo colonial fazenda, tá certo? Sou de Oxossi, minha casa é de Oxossi, deu pra você entender?

Então, nós não misturamos com essa coisa do Adê desse tamanho, do brilho carnavalesco, do mercado de Madureira, a gente não mistura com isso, ali você vê a arte, vê beleza. Então essa é uma das fotos que ela chegou e disse: - vem cá mãe, deixa eu tirar de você perto da vestimenta de Oxossi. Ele tinha uma roupa por dentro toda "bombaxa", muito bonita e aquele couro vinha como um bantê amarrado aqui.

Aquele quadro pertenceu ao seu Joãozinho da Goméia(quadro grande na parte traseira do barracão, próximo a cadeira dela), porque o filho de Santo

dele, um dos primeiros Ogãs dele, o capitão Campelo, a mulher dele, dona Juraci Campelo, foi quem desenhou esse quadro em 1965. Quando ele foi tomar obrigação no Gantois com Mãe Menininha, ele quis presentear-la e ela fez uma cópia no mesmo ano e mandou pra Mãe Menininha. O do Gantois existe até hoje, dê de que ele faleceu ficou guardado com ela, devolveram pra ela, ele tem mais ou menos de morto 27 anos. Devolveram pra ela e ela se tornou minha cliente, minha amiga e falou assim: - não mãe, eu gosto tanto de você, você é de Oxossi, eu vou dar de presente pra você. Esse quadro é uma relíquia que não existe, é original que, esta aqui mas foi dele, estava no barracão dele. Pessoas antigas de Santo, 50, 60 anos de Santo conhecem esse quadro que viram dentro do barracão dele. Eu tenho muitas obras mas tirei por causa da poeira (o local estava em reforma). Aquelas lá nós trouxemos de Salvador da Fundação Pierre "Verje", que lá são lindíssimas aquelas ali. Nós temos aquele Santo que é Diretora de lá. E aqui, eu sou muito amiga da Dona Gisele Omindarewá, vá a casa dela, ela é uma pessoa muito séria, muito antiga, pra mim é meu guru, minha amiga, axé Opó Afonjá, uma pessoa que nasceu na mão do Seu Joãozinho e deu continuidade no Afonjá, então, foi uma das pessoas muito importantes após a morte dele. (neste trecho tem mais informação pra transcrever).

Isso aqui é pra você ter uma idéia de que nós temos artesões, temos essas obras e outras e outras, eles trabalham, são os odês, são os capacete, as roupas, os xaxarás, tudo isso que você descobre. Então, aquela pessoa além de servir a casa, ela ganha uma auto-estima e ganha uma profissão, porque independente dele seguir essa profissão vendendo ao mercado Madureira ou atendendo a outras casas, existe também a possibilidade dele ali nascer outro, como eu já tive outros filhos aqui, tenho alias, que além de fazer roupa, descobriu outros detalhes de fazer uma roupinha, bordar, fazer uma coisa, uma sandalinha trabalhada. Então o que acontece, essas pessoas começam a se descobrir e essas pessoas começam a ganhar outras maneiras de viver, sobreviver, levanta a estima, a cidadania, então aqui a gente trabalha muito nesse sentido.

Aqui eu já fiz muitos trabalhos sociais também, com o Morro da Serrinha, com a Comunidade Solidária. Recebi até um certificado, um diploma da Dona Rute Cardoso de parabenização pelo trabalho aqui. Foi aula de culinária baiana, aula de ferramentaria e foi a aula com marcenaria. As aulas teóricas eu dava aqui e as práticas eu fiz parcerias com ferramenteiros que tem o maquinário todo pros meninos irem lá trabalhar. Então eles faziam as aulas praticas lá, as teóricas aqui, mais alimentação, mais palestras sobre AIDS pros jovens, sobre a questão das doenças sexualmente transmissíveis e ainda mais você lidando com garotos de comunidades é brabo, né? E também aulas de capoeira, por quê? Porque eles chegam com uma adrenalina que você não tem idéia, agressivos, então eu aprendi a lidar com eles.

Tem até o exemplo de uma menina que fugiu várias vezes da casa, ela não queria ficar dentro da casa dela e eles faziam de tudo, mandavam ela de volta e ela era daquelas que já chegava de cara feia. Então alguém falou qualquer coisa com ela e ela veio acompanhando umas amiguinhas, mas ela me olhava de cara feia e parecia até que ia me agredir. Daí eu fui falando devagar com ela, disse que isso aqui é uma casa religiosa, e ela "pá", eu disse tudo bem: "-suas pernas são bonitas! Mas eu acho que você tem que deixar as pessoas ficarem curiosas", daí ela começou a chegar mais de bermudinha.

Quando as meninas foram mexer nas comidas ela disse: "-Não gosto disso! Não vou fazer!". Eu disse não tem problema, vamos fazer uma coisa, enquanto nós fazemos aqui você fica aí nos olhando, faz um favor pra mim, presta atenção se alguém faz errado ali e você chega em particular e me fala. Daí eu deleguei uma coisa pra ela e ela se sentiu. E dali ela foi ficando curiosa, foi ficando curiosa e foi chegando. Daí eu conversei com ela e ela tinha problemas de droga, dormiu na rua, aquela coisa toda, eu sei que nós conseguimos resgatar ela. No final ela já estava fazendo salgadinhos, estava colaborando. Eu tinha despreocupação de mandar ela na minha cozinha aqui da frente pegar alguma coisa, ela não mexia em nada. Lidava comigo como Mãe Regina, entendeu? O Ciro Darlan foi dar uma palestra na faculdade lá de Castelo Branco, quando foi lá dar a palestra e ela soube, ela foi até lá, porque várias vezes ele tentou e não conseguiu. Ela esperou, ela quebrou protocolo. Quando foi a hora que ela teve oportunidade, ela subiu pra agradecer a ele que ela tinha se resgatado, daí ele levou um susto porque ele já tinha tido muita briga com ela. Ela marcou muito ele pela petulância porque ele deu muita coisa a ela e ele tinha sido grata a essa casa aqui. E ele chorou, apareceu aridamente no Jornal RJ. Ele chorou, mandou me agradecer e essa menina voltou pra dentro de casa.

E não só ela como outros, tem o menino aqui, filho de santo que ela sabe que nós tiramos da rua, resgatamos, teve iniciação e hoje esta socializado, dentro da cultura do orixá e dentro da família, que minha filha adotou, registrou, botou no colégio. Meninos daqui que a gente tirou da droga, porque eu acho que o trabalho da casa de santo tem que ser também esse trabalho social, porque nós lidamos com todas as pessoas, mas a maior parte são pessoas simples, pessoas carentes, pessoas pobres. Hoje a casa de santo você sabe que recebe todo mundo, recebe o intelectual, recebe o estrangeiro, recebe o bacana, mas continua recebendo os pobrezinhos, mas a maior parte são pessoas carentes, lidando com a comunidade, eu mora aqui, dentro da comunidade da Serrinha. Não tenho acesso com bandido, não tenho atendimento com bandido, mas, as pessoas carente do local, a gente serve as vezes com compras, outras vezes com alimentação, até eu vou mostrar uma coisa aqui pra vocês: eu consegui com o governo Lula, ta na minha bagunçada mas voes vão ver. Aqui só tem uma parte, eu consegui com o governo Lula, agilizar cesta pra trinta famílias, entre filhos muito carentes e pobres, pessoas da rua, da comunidade, pessoas muito carentes mesmo, não é muita coisa, mas pelo menos a pessoa leva cinco quilos de arroz, leva óleo, levar leite, levar açúcar, levar fubá, levar farinha de trigo, levar um macarrão, pra essas pessoas, até pro meu pedreiro que é pobrezinho e pro outro menino que é mais pobre que mora lá depois da Universidade Rural, isso aí não cura, mas eu garanto que ajuda eles pra caramba. Porque isso é um dos trabalhos nossos com uma questão até das pessoas acharem: -há, casa de candomblé faz sacrifício. Fazemos sim, porque dentro de África se faz sacrifício, onde aquela alimentação é distribuída pro próprio povo da aldeia. O orixá, ele se serve dos conteúdos internos, do sangue, das penas, do corpo. As carnes, o orixá faz a gente distribuir para comunidade, essa comunidade tanto é aqui interna, na alimentação, que vamos produzir super legal num dia de festa, no dia a dia de comida porque aqui somos muitos, vocês imagina de manhã café pra setenta pessoas, de comprar oitenta pães, em época de festa, entendeu? E servimos aos que tem necessidade. Então por exemplo, tem o meu pedreiro, então hoje

vai levar a cesta-básica dele, já tem as galinhas que estão no freezer, carne de cabrito e eu dou pra ele, como damos pra várias comunidades daqui de Irajá, pobrezinhos, que são aquelas pessoas que moram em casinha feita de caixote de pedra, que quando você chega aquelas pessoas choram, porque você levou a oportunidade deles comerem uma galinha, um cabrito, uma carne, um arroz, uma coisa.

Eu tenho aqui em mãos, que é muito difícil em Ketu, se virar “segundo de santo, mas eu viro, porque depois de 15 anos meu pai teve que chamar Oxum na minha cabeça.

Eu tenho aqui próximo a foto de Oxum, pra você ter uma idéia do barracão, esse é um dos filhos que trabalham aqui com a arte, virou um artista Ilê Asé Igbá Ode descobriu todo esse caminho dele. –Pega lá em cima umas duas telas daquelas pra mostrar pra eles, pra eles terem mais ou menos uma noção das telas que a gente tem aqui...

Senta ali e mostra pra ela. Tem aquelas olha, pra você ter uma idéia isso tudo é pintado a mão por um filho de santo. Nanã e Oxumaré. Temos de Oxossi, de Oxum, na parede fica muito mais linda. Nanã, Oxossi, Oxum, lemanjá, lansã.

(Sobre as fotos) As vezes tem vários eventos que eu apresento, nas águas quando entram é muito bonito que nós organizamos, agora no final do ano, então acontece varias coisas. Olha, esse bolo é feito pela minha filha de santo, que estava com a estima lá em baixo e nós conseguimos resgatar ela porque eu sabia que ela tinha o dom de arte pra fazer trabalho em bolo, mas achou que era incapaz mas eu disse não, você é capaz, e ela começou a fazer pra mim e hoje ela voltou a fazer aquilo lá pra fora.

(Sobre as fotos) Quando há festa na praia, eu não atrapalho banhista, é a ultima festa do ano, fazemos a festa das labás, daí na outra semana o ipeté, após o ipeté o presente das águas, mas eu tenho mais outras escolas, ta muito bonita e a barca foi com cem pessoas. Aqui que eu fui homenageada nessa Ordem, é uma Ordem portuguesa num clube português ali da Tijuca, mas foi maravilhoso. Mas eu vou te dar a de Oxossi pra vocês poderem ver.

A casa é de Oxossi ta bom, é muito raro acontecer essa situação, mas no meu caso aconteceu e meu Pai chamou Oxum e pegou.

Carmem: -Ela me perguntou se a senhora era de Angola, eu falei é Keto, aí ela perguntou, mas no geral não vem dois orixás.

Mãe Regina: Mas depois de 15 anos meu Pai teve que chamar entendeu? Porque eu sou feita de Dodé Carê mas eu nasci com Logunedé mas não podia fazer. Logunedé teve que ir pra Oxum pra Dodé Care e, eu tive muitos problemas, ficou uma coisa entre, fechada dentro de casa, essa festa aí é fechada, tem até membros, não é de porta aberta, mas aí as pessoas gostam muito e isso me deixa muito nervosa.

Carmem: E ela é muito linda né, daí todo mundo quer vê-la.

E aí aconteceu e no inicio eu ficava muito zangada e mal criada entendeu, a gente vira santo mas é santo mesmo(rs). Eu ficava indignada né, mas depois eu vi as coisas acontecendo assim, as demonstrações dela com a casa com tudo. E aí o que acontece, acabou Oxum vindo mas é só entre amigos, mas aí um amigo vem e quer ser pai de santo e chama o outro. Mas o meu pai de santo, meu pai de santo faleceu, fez obrigação com Pai Bira de Xangô, então ele sabe disso que meu falecido pai de santo, ele viu e concorda com tudo mas ele não vai, entendeu? Ele é aquele Aponjá rígido, diz faz isso

faz aquilo mas ele, não faz, daí no outro dia ali ficou tudo bem, teve a festa, mas, não vem. E aqui no Rio de Janeiro, você não pode vulgarizar isso, mas nos termos gerais você tem que ser acessível a muita coisa da nossa mistura. Pessoas que tem problema com a parte da umbanda, com parte de Exu, com a parte cigana, porque sena o que acontece, você não fica com os filhos de santo dentro da casa. Isso não quer dizer que você deve ficar dando partido pra aquilo, mas cultua, deixa ele dar uma comida, ele dar um presente, se aquela entidade tem que vir diz olha meu filho, deixa vir, você esta em casa, de repente é uma missão sua, deixa dar uma consulta, porque lá quanta coisa gente já viu dessas entidades por aí. Tem muita reserva de Preto Velho, de Exu, Caboclo, mas é, eu cuido, tenho filhos, mas eu tenho reservas. Você vê, eu na viro com caboclo, então você tem que ter reservas, mas temos que respeitar, porque se você não respeitar isso, que as vezes vem de uma tradição antiga de família, gera problema na vida das pessoas, a gente já viu várias vezes, até dentro das casas grandes, que as pessoas, como na casa de meu pai, uma casa grande, os filhos acabam batendo nas outras casas, não deixam botar a mão na cabeça, mas pra cuidar desse lado. vem as vezes a mim, meu irmão de santo: -Regina, o que é que eu faço?Pra ele botar um negócio no peito, então eu ensino a colocar. As vezes vão em outras casas, isso tudo, porque é problemático, você também tem que ter um jogo de cintura.

Márcia: -Mãe Nitinha falou a mesma coisa.

Mãe Regina: - Mas a Mãe Nitinha hoje tem a cabeça muito melhorada, se ela tiver que ir a uma festa de Exu, ela vai e entra naturalmente, não esta nem aí, ela não esta na casa dela, mas se ela tem um filho que vem dessas tradições ela respeita, porque ela tem um candomblé dentro do Rio de Janeiro. Na Bahia mesmo hoje há uma curiosidade pelos mais novos, já surgiu umas pequenas casa de umbanda, já tem algumas que tem uma certa mistura, e outros que vem tratar, não esta misturando, O Engenho Velho, o Opó Afonjá, o Gantois.

(Obre as fotos) Esse aqui é a festa das labas, nós colocamos, aqui eu peguei um habito de colocar, porque no Opó Afonjá a gente coloca bandeira no barracão e começamos a nos organizar assim, festa de Oxossi, as pessoas com o abadá azul, as mulheres com laços. Então a festa das labás, você pega varias cores das labás e então tem a bandeira com o símbolo das labás e aí todo mundo estava com o motivo da festa, cada um com a sua saia, a sua roupa, mas com motivos da festa, a mesa que meu filho organiza.

Eu já estive representando o candomblé do Brasil na Martinica a convite do Ministério de Cultura da França, eu fui em 92, meu filho estava com 1 aninho. Daí nós fizemos o candomblé, fizemos um presente, o olubajé, fizemos exposições, levamos os presente nas águas, estávamos lá com Zé Flávio de Barros, professor, que lançou um livro dele e fez homenagem a mim. Então o que que foi isso, ele estava fazendo um trabalho de pesquisa pra lançar o "Banquete do Rei Negro", então Zé Flávio veio aqui em casa assistir candomblé como veio varias vezes, esse filme ele levou pra palestra dele lá, na França. Ele tinha apartamento em Paris, fez PHD em Sorbone, então ele é uma pessoa muito integrada nas palestras lá fora e tudo. Então ele mostrou e quando ele exibiu as pessoas ficaram encantadas com o candomblé e falaram: -Nós queremos vê-la aqui. Essa aqui nós queremos aqui. Porque eu fui fazer um congresso sobre religiões no Caribe e Martinica é uma colônia francesa, então eles mandaram nossas passagens e nós fomos numa comitiva brasileira

de vinte e três pessoas, lindo, lindo, vi vulcão, a pesar que eu já tinha visto aqui na cordilheira do Andes porque eu já morei dois anos em Mendonça fazendo universidade lá.

Lá nós vimos o mar do Caribe que uma coisa assim muito selvagem ainda, tem praia que você até toma banho nu, mas muito selvagem aquilo, aquelas cascadas de corais, que se você não andar com cuidado na beirada da praia você se corta, uma transparência que na beiradinha você tá vendo tudo. Então nós fizemos lá, passamos 15 dias, foi muito interessante. Depois teve o festival, amostras, filmes, debates, a exposição, vimos a demonstração do Haiti e foi muito interessante porque eu pude trocar figurinha com as pessoas do Haiti, de Cuba, sobre vodú, foi até bom porque quando eu estava aqui na Estácio em turismo a professora deu um trabalho e eu fiz sobre Martinica – Caribe, então eu falei sobre lá, foi super legal.

Nós fizemos lá, fizemos na Venezuela também, tivemos a oportunidade de ver a umbanda na Venezuela, na América do Sul toda né, agora já tem nos E.U.A. também, e na Europa também. Mas na Venezuela e lá na Martinica, então fizemos a apresentação e depois no final teve uma escola de samba deles lá, então ficamos nós, o grupo do ileaiê também, eu tive oportunidade de conhecer o vodú, o pessoal do ileaiê então nós desfilamos com eles todos e foi super legal.

No retorno pro Brasil, com isso aí, eu tive várias oportunidades e convites, da Secretaria de Cultura de Porto Alegre de dar palestras lá, em Brasília, palestras em Belo Horizonte, Juiz de Fora. E daí várias coisas começaram a acontecer, em 96 com vários eventos e a exposição. Na Gama Filho, com o grupo de folclore de lá, sabe roupas que a gente não usa mais? Então eu dou pra eles e a gente reforma, que é lá em cima, aqui é minha casa e lá em cima nós temos uma parte que é só de trabalho, com máquinas e nós preparamos pra usar, são universitários que dançam, então eles fazem apresentação de maculelê, já fizeram pra mim em eventos, já levei eles à Mãe Gisele, já levei eles à Zé Flávio e já fizeram eventos dentro da UERJ, da Federal, na Prefeitura de Rio Bonito, na Prefeitura de Araruama, menores, mas tem os que levam 10 dias pra levantar a estrutura toda, no centro do Rio, Centro Cultural do Correios, José Bonifácio e Centro Cultural de Caxias, aí foi a estrutura toda pesada.

Estive em Porto Alegre com o senhor Escudel, tirei fotos e tudo e estive com ele depois num encontro ecumênico dentro da maior Igreja Batista de lá, e os batistas fizeram questão de me levar, só que eles não esperavam que eu fosse vestida de afro, lindíssima, lindíssima africana em azul e dourado, com uma roupa linda, linda, linda, linda, linda e quando eu cheguei, parou a Igreja. Mas eu posso dizer pra você, com aquela roupa pesada, parou, pastor parou, freiras. Daí um padre tentou me ridicularizar sabe, queriam dar a palavra à mim mas eu deixei. Então o padre tentou de todas as formas, estava ele mais duas freiras me olhando de cara feia. Eu estava bonita, bem arrumada com mais dois senhores da umbanda mas que foram de social, daí ele falou e eu deixei ele falar. Então eu peguei, tomei a palavra e disse que ele deveria estar mal informado, pois os livros didáticos que nós temos atualmente, foram escritos por jesuítas e que serviram até a década de 40 e até 60, nós tivemos muitos problemas até surgir a oportunidade da literatura dedicada aos espíritos afros, entendeu? Daí eu comecei a falar, falar, falar, quando eu terminei de falar o homem ficou tão sem graça que ele levantou na frente de todo mundo e me

perguntou: -Eu posso tomar uma benção? É assim que eu tomo uma benção?
Mãe Regina: -Você tem quantos anos? Ele disse mesma coisa do que eu, 52 anos, vou fazer 52 anos.

Eu falei pra ele, eu acho que você precisa viver um pouquinho mais. Você vai ver em livro, aonde os seus jesuítas do passado, matou, queimou, roubou, que a maior latifundiária é a sua igreja, prostituiu, destruiu, que a maior assassina do mundo é a sua igreja, eu disse pra ele. Foi a sua igreja, que eles tinham a concepção da época e deles, preconceituosa e racista. Me perdoe, o senhor é jovem, faz uma coisa, leia um pouquinho mais, acho que você esta precisando saber um pouquinho mais. Quando você quiser falar do Engenho Velho, Opo Afonjá, Gantois, vá ser um pesquisador. E aí naquilo, ele apaixonou-se por mim e eu acompanhei ele em outras coisas, ele quebrou protocolo, foi me abraçar me beijar, me emocionou na minha vida. Daí foi quando ele mostrou todo o trabalho dele e a secretaria dele pagou mais uma semana pra eu ficar no hotel pra eu poder passear, dar palestra, fazer uns babados por lá e ele me emendou.

Eu tenho programação a 21 pra 22 anos na rádio, sempre falando de cultura, todos os domingos as 22 e 23 horas, rádio Metropolitana. Eu vou te dar a agenda das festas do ano pra você ter uma idéia se você quiser vir visitar as festas. Então isso é uma das coisas que mais mexeu comigo que foi uma oportunidade de lidar com as outras pessoas, de apreender.